

Caingangues em guerra

Quatro morreram e dez estão feridos nessa guerra, que não é contra posseiros dessa vez, mas entre eles mesmos: há duas facções da tribo em conflito pela liderança.

Quatro índios morreram e dez ficaram feridos, ontem, na reserva caingangue de Guarita, 480 quilômetros a Noroeste de Porto Alegre, entre os municípios de Redentora, Erval Seco, Tenente Portela e Miraguaí, no Rio Grande do Sul, durante um conflito entre grupos rivais de duas facções da comunidade local. O incidente aconteceu por volta do meio-dia, quando uma "patrulha" da polícia especial dos índios liderados pelo cacique Ivo Ribeiro — cuja facção ocupa aproximadamente 12 mil hectares da parte sul da reserva, que tem 24 mil hectares — chegou ao posto Guarita, localizado na parte norte, ocupada pelos seguidores do cacique Domingos Ribeiro (que não é parente de Ivo). Os índios do Sul foram ao Norte entregar um dos liderados de Domingos que encontraram em seu território e "pedir explicações" para o rompimento de um acordo que fizeram no final de janeiro, segundo o qual nem os moradores de um lado nem os de outro atravessariam a linha divisória da reserva.

Nem a Funai (Fundação Nacional do Índio), nem a Polícia Civil ou a Brigada Militar tinham conseguido explicar, até o final de ontem, exatamente como e quem começou o confronto. Não sabem sequer quanto índios estiveram envolvidos ou o número de armas usadas. O certo é que foram usadas armas de fogo, facões e porretes na luta. Um dos feridos, internado em um hospital na cidade de Santo Ângelo (a aproximadamente 140 quilômetros do local do conflito), está em coma profundo, com fratura no crânio — em estado gravíssimo, portanto. Outros dois estão internados naquele hospital, mas não correm risco de vida. No hospital de Três Passos há dois feridos, baleados — um no tórax e outro no abdômen. Três, com menor gravidade, foram levados para o hospital de Tenente Portela, e dois sofreram ferimentos leves, que não exigiram internamento. Fontes da Brigada Militar afirmaram, no entanto, que pode haver mais índios feridos nas matas à volta do local da ocorrência, a sete quilômetros de Tenente Portela e a dez de Miraguaí.

Pouco depois do incidente, a Brigada Militar da região concentrou 40 homens para manter a ordem na reserva, apoiada por agentes da Polícia Civil, e a Polícia Federal de Santo Ângelo enviou uma equipe de três agentes.

Os desentendimentos entre os índios começaram pouco depois de julho do ano passado. Naquela época, os 2.500 habitantes da reserva eram liderados por um único cacique — Sebastião Alfaiate —, que, por ser considerado "muito mulherengo", foi deposto pela comunidade. Para substituí-lo, ainda em julho, foi escolhido Ivo Ribeiro. Este, no entanto, desde o início mostrou-se arbitrário e hostil a uma facção que lhe fazia oposição, composta de aproximadamente 1.600 índios. Em janeiro, as tensões chegaram a tal ponto que havia ameaça de conflito armado entre Ivo e seus liderados e os índios da "oposição" caingangue.

A Brigada Militar, já então, foi chamada a intervir. A Funai conseguiu, depois de algumas negociações, fechar um acordo entre as duas partes, e esse acordo implicava divisão da reserva de 24 mil hectares. Os 12 mil hectares da parte Sul, aproximadamente, ficariam com os índios fiéis a Ivo Ribeiro, e os 12 mil restantes, ao Norte, seriam propriedade dos contrários a Ivo, liderados por Domingos Ribeiro, eleito cacique. Muitos velhos, mulheres e crianças que se tinham refugiado na igreja de Miraguaí, temendo um conflito, voltaram para suas casas e a situação aparentemente se normalizou.

A tensão, no entanto, não tinha diminuído. Em março, algumas famílias saíram da reserva para acampar na estrada, descontentes com a rivalidade entre os dois caciques. Dessa vez, os desentendimentos giravam sobre a execução do acordo de março. Havia desacertos quanto à área de matas que deveria pertencer a cada grupo. Em maio, a Funai descobriu uma espécie de "golpe de estado" que o índio Eloir Jacinto estava preparando contra Ivo, cujo projeto de execução incluía o assassinato do cacique e do agente da Polícia Federal Telmo de Lima Freitas. Houve nova intervenção e outra vez os ânimos se acalmaram.

O confronto de ontem foi o único realmente grave entre os caingangues de Guarita. Eles não podem, por lei, ter armas de fogo, mas, como arrendam suas terras a agricultores brancos, aproveitam-se disto para fazer exigências, sob a ameaça de que se elas não forem atendidas os agricultores terão de abandonar as terras. Uma das exigências é o fornecimento de armas de fogo.

Tribo guerreira? Sim, mas até agora a ameaça era chamada de "homem branco".

A história dos caingangues sempre foi marcada por lutas. Mas, até então, contra os posseiros, as doenças...

Ainda há muito mistério em torno da origem dos caingangues, mas é certo que o espírito guerreiro da tribo exaltou-se já a partir dos primeiros contatos com os brancos, registrados historicamente por volta de 1850. Consta que já formavam um grupo reduzido por essa época junto às margens do rio Paraná, no extremo Oeste paulista, mas que era um grupo valente também: na defesa de suas terras e plantações, lutaram muitas vezes contra os que se embrenhavam pela região, havendo sempre muitas mortes de ambos os lados. E esta luta de ontem no Rio Grande do Sul, uma luta interna pelo poder tribal, não é propriamente um precedente: os caingangues já vêm lutando entre si há algum tempo, pelo mesmo motivo.

Não que os caingangues sejam índios eminentemente guerreiros. Conforme os indigenistas, essa nem chega a ser uma característica tão marcante deles, devendo ser atribuída mais à fama surgida à medida que foram sendo transferidos para o Oeste paranaense e para o Rio Grande do Sul, após sucessivas lutas contra os brancos e principalmente depois da construção da linha "Noroeste do Brasil". A fama é maior que a realidade, dizem, e esta briga entre eles seria resultado até de sua aculturação e de diferentes interesses econômicos de duas facções da tribo, e não de sua ferocidade.

Um detalhe curioso, inclusive, é os caingangues sempre se mos-

trarem muito humildes quando contavam seus feitos de guerra e discretamente se vangloriavam de suas vitórias.

A "pacificação" dos caingangues — ou "coroados", como também eram chamados por causa do corte do cabelo em forma de coroa — aconteceu durante a construção da Noroeste do Brasil, e a partir daí os próprios colonizadores da região se encarregaram de reunir muitas informações sobre eles. Algumas são estas:

— dedicavam-se à caça e pesca, mas de maneira esporádica. Eram até maus pescadores, e só comiam carnes bem cozidas, e muitas frutas;

— tratavam os animais domésticos com muita atenção, como se fizessem parte da família, chegando as mulheres a amamentar no próprio seio filhotes de antas, macacos e porcos do mato; não comiam qualquer tipo de ave;

— construíam casas bem simples, quase sempre de uma só água, com varas fincadas no chão amarradas às vigas com cipós e cobertas com folhas de coqueiros;

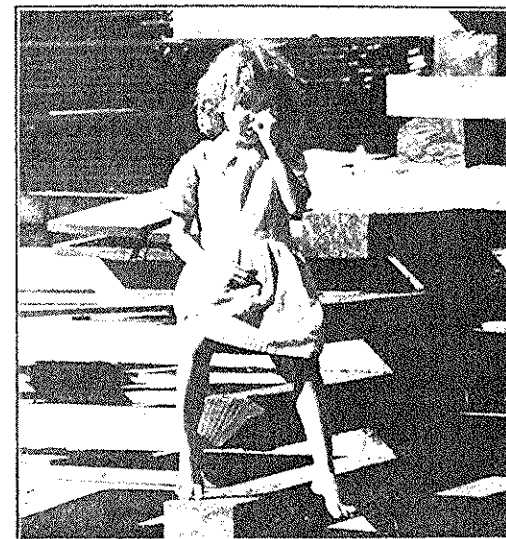
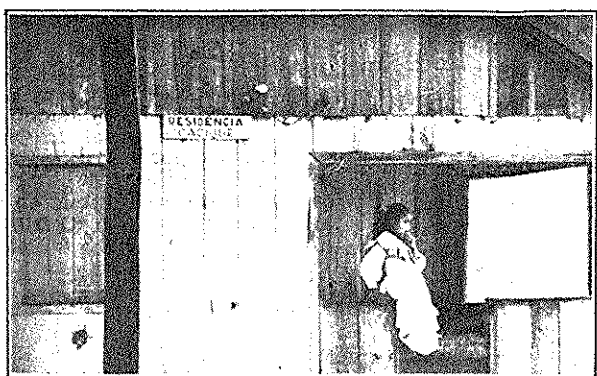
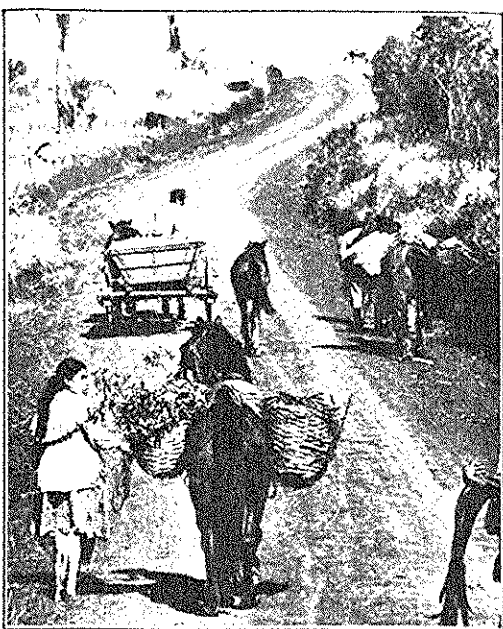
— faziam poucas festas, mas elas duravam vários dias e noites, enquanto durasse o kiki, a bebida fermentada que faziam;

— eram hábeis artesãos: faziam cestas, balaços, tecidos de fibra, vasos de barro, colares, enfeites de penas, pilões, e excelentes armas (os instrumentos que tomavam dos brancos, como enxadas e serras, por exemplo, eram transformados em lanças e flechas de precisão, e as suas próprias eram consideradas quase perfeitas);

— plantavam grandes roças, bem organizadas, em que cultivavam de tudo: abóboras, milho, trigo, mandioca e as mais variadas hortaliças;

— eram grandes agricultores, com trabalho dividido em tarefas e grupos.

Com a chegada da estrada de ferro e das primeiras vilas, passaram a seguir para o Sul, fixando-se em duas regiões diferentes, mas já em pequenos grupos — um no Paraná e outro no Rio Grande do Sul; em São Paulo ficaram muito poucos — cerca de 550 —, principal-



Aculturados, doentes e dizimados pelo contato com os brancos, os caingangues que hoje sobrevivem pouco ou quase nada lembram a antiga nação indígena que habitava as margens dos rios Paraná e Paranapanema. Adotaram roupas, calçados, alimentação e hábitos dos colonos. Mas, na reserva, ainda lutam.



mente no Posto Vanuire, próximo a Tupã.

Rapidamente entrosados com os brancos, os caingangues adotaram roupas comuns, calçados, máquinas e tratores. Isso, nas três regiões. Dedicaram-se à lavoura e passaram a viver da cultura de amendoim e algodão, em São Paulo, do trigo e de culturas variadas no Paraná e de exploração da madeira no Rio Grande do Sul, até há algum tempo.

Cada vez mais dizimados por doenças, principalmente a desidratação, os caingangues chegaram assim mesmo a ser grandes produtores de trigo em toda a região Sul — 1.500 toneladas em 1953, de acordo com o antigo Serviço de Proteção ao Índio —, mas foram, aos poucos, perdendo espaço para os colonos, até que passaram a viver em reservas demarcadas.

As lutas

Os caingangues do Paraná, fixados na reserva de Mangueirinha, desde muito cedo brigaram contra a invasão de suas terras por posseiros, e principalmente contra indústrias madeireiras na região. Essa luta arrastou-se até 1979, quando a Justiça Federal deu ganho de causa à firma Slaviero e Filhos na disputa por 3.707 alqueires de reservas de pinheiros. Liderados pelo cacique Ângelo Cretã, por várias vezes invadiram, armados, essa região, dispostos a ficar lá, mas acabaram cedendo à decisão judicial de abandonar a área, exigindo em troca de tratores e máquinas para o cultivo dos 350 alqueires da aldeia.

No Rio Grande do Sul, os aproximadamente 3.500 caingangues das reservas de Nonoai e Guarita (as duas maiores) por diversas vezes expulsaram à força os posseiros, criando um verdadeiro problema para o governo a fixação dos colonos em outras regiões brasileiras. E em janeiro deste ano, os 2.400 caingangues de Guarita já haviam ameaçado entrar em guerra entre si, por causa da liderança do grupo. Só que, agora, com a situação parecia resolvida com a divisão dos caingangues em dois grupos distintos, a briga começou de novo — dessa vez com quatro mortos e dez feridos.

Antônio
Se guarda para mim. Te encontro no Shopping Iguatemi às 19.00 horas.
Te amo, Maria.

VITOR
Te amo em dose dupla. Me espera no Shopping Iguatemi às 18.00 horas.
Beijos, Cico

CENAS DA VIDA CAINGANGUE JT/03/06/83